

1 INTRODUÇÃO: PORQUE ESTAMOS CHEGANDO...

Estamos chegando do fundo da terra,
estamos chegando do ventre da noite,
da carne do açoite nós somos,
viemos lembrar.

Estamos chegando do chão da oficina,
estamos chegando do som e das formas,
da arte negada que somos
viemos criar.

Estamos chegando do fundo do medo,
estamos chegando das surdas correntes,
um longo lamento nós somos,
viemos louvar.

Estamos chegando das velhas senzalas
estamos chegando das novas favelas,
das margens do mundo nós somos,
viemos dançar.

Estamos chegando dos trens do subúrbio,
estamos chegando nos loucos pingentes,
com a vida entre os dentes chegamos,
viemos cantar.

Estamos chegando do chão dos Quilombos,
estamos chegando do som dos tambores,
dos Novos Palmares só somos,
viemos lutar.

Missa dos Quilombos – Pedro Tierra/ Milton Nascimento.

Meus cúmplices são os negros de todas as raças (Heiner Muller). Este é o ponto de partida que norteia o trabalho a seguir descrito, cujo interesse primeiro é dar voz a uma senzala existente desde as mais explícitas formas de exclusão e preconceitos até as mais sutis, revestidas por belas e sinuosas palavras e/ou gestos. Senzala dos negros, índios, mestiços. Senzala de todas as raças. Senzala dos oprimidos, lembrando Paulo Freire (1989). Contudo, desta senzala pretendemos resgatar a vida, ouvir dos escombros que escondem os aparentes derrotados, uma vida que pulsa, que inquieta. E por pulsar, intermitentemente, torna-se um perigo para os que a querem sufocar.

Este trabalho pretende pontuar a possibilidade de celebração da vida em um dos espaços no qual ela é mais sufocada: o sistema penitenciário, aqui, em especial, o feminino. Utilizei o discurso de mulheres reclusas pelo sistema penitenciário para assinalar a construção de algumas táticas de sobrevivência ante a dificuldade de vislumbrar uma vida após o cárcere.

Pensarei estas táticas no que se referem à construção de projetos futuros. Por projetos futuros, grifo toda e qualquer forma de vislumbrar uma vida potente, ou seja, criadora de outras formas de existência. Ainda que a sentença para sociedade seja de condenação perpétua, quais as linhas de fuga que são utilizadas? Por este caminho é que trafega o meu objeto de estudo. Crer na vida, crer em quem ninguém mais crer, pontuar o “querer-artista” das mulheres entrevistadas.

Na busca por este “querer-artista” resgato as palavras de Foucault, em seu artigo “A vida dos Homens Infames” (1977). Este resgate se dá muito mais pela intensidade do discurso que pela proposta metodológica que Foucault apresenta. Encontro, enfim, algo que me sustente teoricamente nesta minha busca por algo belo nos escombros, sem me tornar piegas, ingênuo ou reacionária.

Foi para reencontrar alguma coisa como essas existências-relâmpagos, como esses poemas-vidas que me impus um certo número de regras (...) e que do choque dessas palavras e dessas vidas nascesse para nós, ainda, um certo efeito misto de beleza e de terror (...) que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado. (FOUCAULT, 1977:207)

Busco nos sonhos – palavra que por questões conceituais chamarei de perspectivas futuras. Enfim, busco nas perspectivas futuras de mulheres reclusas pelo sistema penitenciário, algo que ainda seja vibrátil, pura criação de novos caminhos, novas formas de existência.

Marco que só entrevistei mulheres julgadas e sentenciadas não necessitando, portanto, de um segundo juiz. Não imprimi em suas vidas um papel moral. Apenas acredito numa potência de vida, numa possibilidade de escultura de uma nova vida após o cumprimento da pena estabelecida por lei.

Não pretendo fazer deste estudo uma ferramenta de guerra, pois assim estaria possuída da mesma natureza dos crimes. Substituo as ferramentas de guerra pela sonoridade de uma canção inacabada, cujas notas finais ainda estão por se combinar. Pretendo trazer ao leitor a imagem de vidas singulares e seus pequenos detalhes traduzidos nos sonhos de uma vida por vir.

Ao leitor ávido por sangue, escuridão e pessimismo, eu ofereço, como contra-resposta: luz, vida, otimismo. Se estes conceitos lhe parecerem incompatíveis com mulheres delituosas, apresento a fala de “Maria Bonita” – interna do Talavera Bruce – numa conversa informal:

Ah, essa gente aí de fora que acha que aqui só tem criminosa e gente ruim, manda eles virem visitar a gente. Só pode falar quem vem aqui. (Maria Bonita).

Tento trazer suas vozes para formatação acadêmica, colocarei em suas falas um capital cultural que elas não possuem. E mais, minha voz estará imersa a delas, uma vez que não há neutralidade em nenhuma escrita.

O estudo justifica-se pela possível contribuição aos profissionais “psis” que cotidianamente se deparam com projetos despedaçados, com vidas que mais parecem mortes. Meu compromisso é afirmar a vida em momentos de não-vida, a luz quando só há trevas. E desses fluxos extrair subsídios para uma prática “psi” transformadora cujo compromisso político se faz em ampliar as frestas de luz que diariamente se anunciam nos porões da existência humana, utilizando-se de diversas formas de expressão, por vezes tímidas e frágeis, mas que iluminam o assombrado e escuro mundo dicotômico que divide o senhor do escravo, os vencedores dos vencidos. Pensar em práticas que rompam com este modelo é meu maior desafio.

Com isto, justifico o estudo pelo compromisso político que atravessa as práticas, em especial as práticas “psis”; pela possibilidade de discussão das práticas dentro do cotidiano prisional; pela problematização de discursos que fundam subjetividades e enclausuram o sujeito em seu delito.

As mulheres reclusas são narradas enquanto remetidas a amores ilícitos. O discurso contido nos processos assim como os discursos de alguns profissionais envolvidos com a realidade prisional associam estas mulheres sempre a: infância desregrada, família consideradas “desestruturadas”, etc. Há sempre alguma coisa que destoia dos valores burgueses da dita “vida correta”. Desta maneira alguns discursos, produtores de tantas práticas, circunscrevem o delito à vida das mulheres, antes mesmo destas o cometerem.

A pesquisa foi realizada entre os anos 2002 e 2005 em três estabelecimentos prisionais femininos: Romeiro Neto, Nelson Hungria e Talavera Bruce. Cataloguei 154 entrevistas ao longo de 28 meses. Como estratégia metodológica

fiz entrevistas semi-diretivas que tinham como objetivo responder a seguinte pergunta: O que você pretende fazer quando sair da cadeia? O critério para a entrevista era ser mulher e presa em regime fechado. Foram entrevistadas mulheres entre 19 a 62 anos, todas cumprindo pena no Estado do Rio de Janeiro. Apresentarei seis entrevistas na sua íntegra, já que as demais estão diluídas em citações, vinhetas e construções teóricas ao longo da tese. Assinalo ao leitor que não pretendi, propositalmente, construir um perfil das presas do Estado do Rio de Janeiro, já que estes dados podem facilmente ser disponibilizados pelas estatísticas oficiais do sistema prisional. Fatores como idade, delito e tempo de reclusão não foram por mim analisados. Como já fora dito, não enclausei a mulher ao seu delito e sim as suas inúmeras singularidades.

O interesse pelos projetos futuros surgiu em função da pesquisa feita por mim em alguns processos penais. Nestes, há um documento a ser preenchido pelo psicólogo, pelo assistente social e pelo médico. Este documento, denominado “Exame Criminológico”, consiste numa exigência oficial prescrito pela Lei de Execução Penal. O Exame Criminológico tem como objetivo acompanhar o percurso do condenado ao longo da pena de privação de liberdade. E a partir deste acompanhamento individualizar o máximo possível a pena. Neste processo de individualização há um regime que permite a remissão da pena, conferindo aos presos o livramento condicional após o cumprimento de alguns itens prescritos na Lei de Execução Penal.

A obtenção ou não do livramento condicional se dá em função de inúmeros fatores. Todavia, uma das documentações necessárias a ser enviada para o juiz é o Exame Criminológico. Neste, cabe ao psicólogo fazer uma avaliação acerca do preso. Um dos tópicos desta avaliação consiste em descrever quais os projetos futuros dos presos. Ou seja, o que pretendem fazer quando sair do espaço carcerário?

Diante deste tópico, presente nos exames criminológicos a que tive acesso em 2000, indaguei-me: será que alguma mulher presa consegue construir um projeto futuro? Se consegue, em que consiste este projeto?

Minha expectativa consistia no tema do trabalho enquanto uma possível construção de projetos futuros. Entretanto para minha surpresa este não foi citado. Por questões metodológicas assinalei a categoria mais recorrente nas 154

entrevistas. A categoria presente em todas as 154 entrevistas remetia aos filhos como uma possibilidade de reconstrução de uma vida após o cárcere.

Minha surpresa foi tamanha, pois já havia construído todo um material teórico que pretendia associar o tema da mulher ao trabalho, assim como as problematizações destes no que tange a reinserção de presas ao mundo do trabalho. Tive, em consequência do resultado da pesquisa, que adentrar num campo teórico cujo eixo estava pautado na importância que a maternidade possui para a reinserção de mulheres presas.

A maternidade e suas práticas participaram da construção da subjetividade da mulher no ocidente. Trata-se do único lugar de existência possível ao qual mulheres presas encontram legitimidade. É nesta legitimidade, conferida historicamente às mulheres, que ancoram os projetos futuros das 154 presas entrevistadas por mim ao longo de 28 meses no sistema penitenciário feminino do Estado do Rio de Janeiro. Marco que o tema da maternidade consiste numa tática de construção de projetos futuros utilizado pelas mulheres sentenciadas. Segundo Certeau (2003):

... a tática é a arte do fraco (...). Quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia: é com efeito perigoso usar efetivos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de “demonstrações” é geralmente inútil (...). O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela. (p. 101)

Assim, é importante assinalar que não pretendi resgatar a “verdade” dos discursos e sim as táticas utilizadas pelas mulheres para construir projetos futuros. A maternidade foi utilizada como tática na construção formal de projetos futuros.

Lembro ao leitor que minha pesquisa não se limitou somente as 154 entrevistas. Meu trânsito nos presídios, em especial no Talavera Bruce, produziu uma relação que ultrapassou as informações oferecidas frente ao gravador, nas entrevistas oficiais. Participei de inúmeras atividades com as presas, em especial no atelier de arte, assim como circulei nas celas e convivi, durante 28 meses, com as inúmeras particularidades do cotidiano das detentas.

As entrevistas no Talavera Bruce foram realizadas com o gravador, já no Nelson Hungria eu só pude transcrevê-las. No Romeiro Neto, entretanto, nem escrever eu pude. Neste presídio eu só pude circular acompanhada pela psicóloga do presídio, assim como nunca pude ficar sozinha com as presas. Lembro ao

leitor que, atualmente (2006), o Presídio Romeiro Neto está desativado. As principais informações ao longo da pesquisa foram compiladas em conversas furtivas e observação de situações pitorescas.

No âmbito destas particularidades, pretendi mergulhar nas inúmeras realidades e possibilidades de existência de mulheres reclusas pelo sistema penitenciário. Ouvir a quem ninguém ouve, partilhar com quem ninguém partilha e assim trazer o dito “vale dos miseráveis” para o campo do debate acadêmico. Afinal: *meus cúmplices são os negros de todas as raças*.

A imagem de mulher construída ao longo dos anos na sociedade ocidental não comporta o devir. Ao contrário, prescreve comportamentos socialmente femininos, tornando as mulheres que cometeram algum delito uma ameaça à dita natureza feminina. Tal ameaça fica maior quando não constatamos nos presídios a presença de mulheres atípicas, não sendo este um espaço das diferentes (que poderiam, com isto, ser patologizadas). Ao circular pelos corredores do presídio feminino vi mulheres e seus sorrisos. Mulheres e vozes. Mulheres e cortininhas de renda resguardando a janela da cela. Mulheres e flores de plástico ornamentando uma “quina” do banheiro coletivo. Mulheres e panos velhos alvejados: pequenos tapetes a aparar os pés da cama. Mulheres e pequenas lembranças do que chamamos lar.

Próximo às camas, em diversas versões de “criados-mudos”, pequenas fotos são expostas, muitas recostadas em frascos de perfumes baratos ou coladas na parede: imagens de vida, fragmentos de uma história. São fotos de filhos, mães, namorados, amigos: afetos resguardados, notícias de um mundo distante e, contraditoriamente, tão próximo.

Diante da realidade da nossa senzala feminina forças me afetaram, dentre elas as que me remeteram aos sentimentos que me eram familiares. Neste jogo de afetos lembro que comungamos de sentimentos afins: amamos, sentimos saudade, temos filhos, temos mães, laços que nos unem à vida, nos fazem sentir existindo.

Numa conversa com uma detenta, a mesma relata a trajetória de seus filhos desde que fora presa. Todos os seus cinco filhos não foram reconhecidos oficial e extra-oficialmente pelos respectivos pais, cabendo a ela, a guarda de todos. Ao ser presa teve que fazer o que chama de “liquidação de filhos”: passou a guarda para diferentes pessoas entre familiares, amigos e até desconhecidos. O objetivo

era evitar que fossem para uma casa de custódia de menores. Afinal, diz a detenta:

... só eu fui condenada, não meus filhos.

Assim, também a tutela dos filhos atravessa a possibilidade de reconstrução de sua vida extra-muros. Ao conversar com as mulheres reclusas que têm filhos todas esboçam, em sua fala, uma referência ao destino dos filhos pós-prisão. A questão da maternidade sempre aparece, principalmente quando se referem aos projetos futuros, ainda que seja para concluir que sua prisão deu um destino dito “melhor” aos seus filhos.

Diante da violência, de mortes, do tráfico, não quero me imobilizar na desesperança, quero, no entanto afirmar a vida. Como fazer? Ouvir as presas e dar destaque às táticas de construção de projetos futuros, aquilo que pode transvalorar os acontecimentos, negando a morte e exaltando, dionisicamente, a vida. E assim, tal como Dioniso, embriagado de forças pulsantes de vida, dar grifo ao que cria e transforma. E tal transformação se ancora em táticas de legitimidade, táticas de visibilidade. Parir, criar, gerar. Categorias recorrentes na sociedade ocidental. Tão recorrentes a ponto de se transformarem em táticas na construção formal de projetos futuros.

A partir de meu objeto de estudo – construção de projetos futuros de mulheres encarceradas – iniciarei este estudo apresentando os muros que antecedem a cadeia. Muros estes que se fazem presente no espaço cívico e nas formas de exclusão construídas historicamente. Formas estas que tem por finalidade última criminalizar o pobre. Assim, no **“Capítulo I: Pobreza: o delito maior!”** problematizarei a construção dos espaços urbanos na cidade do Rio de Janeiro e sua relação com a exclusão da pobreza. Pensarei também na construção de políticas públicas que se utilizam da vigilância e da segregação como forma de administrar as consequências excludentes do capitalismo, em especial as políticas de criminalização do pobre e sua relação com o Estado Penal.

Objetivando pensar a especificidade da prisão feminina abordo o tema da mulher e violência no **“Capítulo II: Mulher é bandida?”**. Este capítulo surgiu de um tema recorrente na cadeia na qual as presas dizem não ser bandidas por serem mães. A partir deste tema surgido nas prisões femininas inicio este capítulo pensando na construção histórica da mulher e na relação que a mesma tem com a

maternidade. Apresento alguns fatores históricos que circunscreveram a mulher ao âmbito do privado, tendo sua suposta natureza construída para o lar e para o cuidado com os filhos. Dentro deste enfoque discuto a regulação física e moral do corpo da mulher. E a partir disso, problematizo a relação da mulher com o judiciário.

O “**Capítulo III: Prisão de Mulheres**” teve como principal objetivo apresentar ao leitor os aportes teóricos balizares deste trabalho. Ou seja, da onde e com quem eu estava dialogando conceitualmente. Apresento minha entrada no espaço prisional e um episódio ocorrido no Presídio Romeiro Neto. Tendo este episódio como ponto de partida, problematizo as relações de poder e as estratégias de disciplinarização dos sujeitos. Trago para o palco de debate alguns temas que envolvem a questão judiciária e construção da idéia de verdade e suas implicações.

O campo apresenta figurado no “**Capítulo IV: E a seda azul do papel que envolve a maçã: o campo revisitado**”. Neste capítulo, é descortinado o tratamento que é dado ao campo de pesquisa. Pretendo também, mais amiúde, trazer o cotidiano prisional. Apresento a maternidade como sendo o eixo “tático” de construção de projetos futuros de mulheres encarceradas e aponto algumas categorias recorrentes nas 154 entrevistadas. As categorias são: religião, família e culto ao corpo. Estas são problematizadas a partir da experiência de encarceramento vivenciada pelas mulheres pesquisadas.

Adentrar o espaço prisional foi para mim muito difícil, já que se tornou uma aventura amorosa. Entrava na cadeia de mulheres como quem mergulhava num oceano de sentimentos. Sentimentos doces, outros tantos amargos, sentimentos obscuros ou clarificados por algum aporte teórico. *Mares nunca dantes navegados.*

Pensando na análise da implicação, afirmo que a luta pela terra atravessa este trabalho. Uma vez que é implicada com estas questões que este tema me afeta. Imiscuída no tema da terra e da exclusão, tento cartografar os indícios da motivação para pesquisa. E estes vêm de longe, de caravanas cantantes rumo ao tão sonhado Rio de Janeiro. Fugitivos da seca e sem terras, meus antepassados chegaram ao Rio de Janeiro, no início dos anos 30, acolhidos pelos clandestinos movimentos comunistas.

Aqui, fizemos histórias: militâncias, artes, canções, filhos e filhas... E muitas filhas. E é este fato que me inclina ao tema da mulher.

Na dissertação de Mestrado (2001) pretendi cartografar os modos de subjetivação do feminino a partir do discurso médico. Neste estudo, aproveitei-me do tema para adicionar a ele as senzalas femininas existentes em pleno século XXI. Dentre as muitas senzalas existentes escolhi a cadeia, como poderia ter escolhido as favelas, os prostíbulos, as mulheres do Movimento dos Sem Terra (MST), dentre outros tantos espaços de segregação social.

Cadeia: espaço perigoso, lugar de pesquisa e trabalho pouco aceitável pelos amigos, familiares e outros. Diante das milhões de dificuldades pessoais e institucionais atravessadas no início da pesquisa, a fala de Pedro Casaldáliga, padre ligado a militância dos sem-terra, serve-me como elixir de resistência a ligar-me às caravanas cantantes dos meus antepassados rumo ao Rio de Janeiro:

*Onde tu dizes lei, eu digo Deus
Onde tu dizes paz, justiça, amor, eu digo Deus
Onde tu dizes Deus, eu digo liberdade, justiça, amor.*

E é por isto que nós estamos chegando...